

<https://doi.org.10.23925/2675-8253.53204>

O RACISMO NAS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS DA REVISTA FLUMINENSE “O MALHO”, ENTRE OS ANOS DE 1920 E 1940

Ariel Pereira Santos Gomes¹

RESUMO: O artigo tem como objetivo mapear algumas representações caricaturais de pessoas negras na revista fluminense “O Malho”, entre os anos de 1920 a 1940, com o intuito de identificar a existência do racismo levando em consideração o modo como são retratados os traços negros, relacionando-os com os paradigmas raciais vigentes na época. Nesse sentido, foram abordados, ao longo do texto, conceitos como racismo simbólico, racismo recreativo e a capacidade das representações culturais como fundamentais para construção do imaginário social

PALAVRAS-CHAVE: imaginário social, racismo, representação cultural, racismo recreativo, racismo simbólico.

RACISM IN THE CULTURAL REPRESENTATIONS OF THE FLUMINENSE MAGAZINE “O MALHO”, BETWEEN THE YEARS OF 1920 TO 1940

ABSTRACT: The article aims to map some caricatural representations of black people in the magazine “O 'Malho - RJ”, between the years 1920 to 1940, in order to identify the existence of racism in the way that black lines are made and related to them with the racial paradigms in force at the time. In this sense, concepts such as symbolic racism, recreational racism and the ability of cultural representations to be fundamental to the construction of the social imaginary were addressed throughout the text.

KEYWORDS: social imaginary, racism, cultural representation, recreational racism, symbolic racism

¹ Graduando em Ciências Sociais (bacharelado) pela UFBA.



INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo se debruçar nas representações culturais de cunho humorístico na revista “O Malho”, publicada no estado do Rio de Janeiro, entre os anos de 1920 até 1940, com enfoque nas representações caricaturais de pessoas negras nessa revista, considera uma das mais prestigiadas em seu recorte temporal. e como as piadas racistas fizeram parte de uma política cultural legitimadora das hierarquias sociais.

O recorte temporal realizado tem como base os paradigmas raciais e primeiras produções antropológicas no Brasil. As publicações do final do século XIX, de cunho evolucionista e representadas pelo racismo pseudocientífico, tiveram como expoentes as produções etnográficas realizadas principalmente pelo pensamento de Silvio Romero (1980), com sua obra “História da Literatura Brasileira” publicada inicialmente em 1906, e Nina Rodrigues (1988) em “Os Africanos no Brasil”. No entanto, ao final da década de 1910 e início de 1920, inicia-se um novo paradigma das relações sociais com uma Antropologia baseada no relativismo cultural e valorização da miscigenação, que conta como principal expoente as publicações Gilberto Freyre (1994).

Para pensar como representações culturais e construção do imaginário têm efetividade diante de grandes populações, vários autores realizam reflexões sobre a invenção do Estado-Nação e o colonialismo. Diogo Curto (2012), em seu artigo que aborda as “Comunidades Imaginadas”, apresenta como a solidariedade das pessoas na formação da nação se dá, principalmente pelas construções culturais feitas pelo Estado, na tentativa de construção do imaginário social do que seria esta tal nação, e como é fundamental a coesão entre os participantes do país. Nesse mesmo sentido, Jurt (2012, p.) traz a construção dos símbolos nacionais no Brasil a partir do Império, passando pela primeira república, a qual foi marcada pelo embate entre as classes dominantes, sobre como seria a bandeira e o hino nacional, exemplificando assim, como tais alegorias nacionais são responsáveis por consolidar a imagem desejada pelo Estado-nação. Por sua vez, Mudimbe (1988) se dedica a falar das estratégias de colonização por parte dos europeus sobre o continente africano, afirmando que dentre as estratégias de dominação nativa, pode-se mencionar uma tríade de fatores decisivos: “o domínio do espaço físico, a reforma das mentes nativas, e a integração de



histórias económicas locais segundo a perspectiva ocidental” (Idem, 1988, p. 15).

A construção dos símbolos nacionais por meio do humor com pessoas negras, após o período escravista, deu suporte e fortaleceu a ideologia do branqueamento brasileiro como solução possível para o desenvolvimento do país, momento esse marcado pelo racismo pseudocientífico, por volta de 1890 a 1920. Por outro lado, a partir da década de 1920, a ideologia da conceituada “democracia racial” passa a rondar o pensamento dos intelectuais brasileiros e, visto isso, a imagem referente ao papel de pessoas negras e o olhar diante da miscigenação racial passam por transformações.

Almeida e Silva (2013) apresentam em seu artigo como as caricaturas sobre pessoas negras no período da primeira república foram marcadas pelos mesmos discursos responsáveis por sua marginalização. Os cartunistas demonstravam em seus trabalhos qual era a percepção dos brancos referente aos negros, o lugar social do negro, como a estética preta era comparada a traços de animais, insultos e manifestações de ódio.

Considerando a transição assinalada do racismo pseudocientífico para a ideologia da democracia racial, a intenção deste ensaio está em estabelecer comparações com as conclusões observadas no artigo de Almeida e Silva (2013), em um momento no qual as ideologias sobre a negritude e miscigenação estavam em mudança para um elogio as três raças e como o racismo recreativo atuou como parte da política cultural na construção do Brasil.

O RACISMO SIMBÓLICO E RECREATIVO NAS REPRESENTAÇÕES SOBRE PESSOAS PRETAS

Para entender o racismo e suas diversas faces de expressão é imprescindível ressaltar sua característica como fenômeno histórico, político e ocidental estruturante das hierarquias dominantes de um povo sobre o outro. As ideias de raça que surgem pelo movimento iluminista e seu monismo científico passou a legitimar as categorias de raça como científica e a oposição entre degenerados e civilizados – os brancos como naturalmente superiores e negros como a raça inferior. (ALMEIDA, 2018)

Entre as ações discriminatórias diretas e as formas mais veladas do racismo, pode-se perceber seu funcionamento como um dado normal da



sociedade. Suas interferências nas mais diversas instituições e no imaginário social refletem um processo de legitimação da ideologia racista e suas práticas de manutenção.

Em seu livro “Racismo Estrutural”, Silvio Almeida, ao questionar o porquê tendemos a naturalização do racismo, remete à importância de se questionar os espaços aos quais as pessoas brancas e negras estão ocupando. No meio acadêmico, por exemplo, o lugar destinado ao preto esteve ligado aos serviços, enquanto os brancos ocupam as salas de aula. Se, por um lado, mesmo com as produções acadêmicas caracterizadas como refutadoras de teses racistas, as capacidades profissionais e intelectuais continuam a ser menosprezadas quando há um preto numa posição de prestígio, por outro lado, a normalização de pessoas negras em posições desprezadas socialmente só pode ser entendida,

[...]se compreendermos que o racismo, enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais. (ALMEIDA, 2018, p.63)

O racismo simbólico opera nas construções e expressões culturais representando minorias a partir de seus estereótipos e é capaz de estruturar a visão de uma população sobre esses grupos (Moreira, 2019). O contingente hegemônico de pessoas brancas que sempre tiveram o controle dos meios de produção culturais, passa a olhar para pessoas negras, em um momento de garantia de direitos, como violadoras do *status quo* e a personificação de uma ameaça, tanto econômica quanto à sua cultura. Assim sendo, o racismo simbólico surge como uma tentativa do grupo hegemônico pela proteção de seus privilégios (LIMA, 2004).

Tendo em vista que, como disserta Moreira (2019, pg. 48), “ (...) um símbolo faz referência a diversas cadeiras de significação que determinam a percepção do mundo exterior e dos objetos aos quais está relacionado”, a percepção de brancos como superiores e da negritude como degenerados está diretamente correlacionada à produção do imaginário social consolidada pelas expressões políticas e culturais dos dominantes, isto é, brancos.

O humor racista que esteve na política cultural, na construção da identidade brasileira, ganha arcabouços analíticos maiores a partir da definição do racismo recreativo. Conforme Moreira (2019, pg. 148)



[O racismo recreativo] deve ser visto como um projeto de dominação que procura promover a reprodução de relações assimétricas de poder entre grupos raciais por meio de uma política cultural baseada na utilização do humor como expressão e encobrimento de hostilidade racial. O racismo recreativo decorre da competição entre grupos raciais por estima social, sendo que ela revela uma estratégia empregada por membros do grupo racial dominante para garantir que o bem público da respeitabilidade permaneça um privilégio exclusivo de pessoas brancas.

Ainda em sua obra, o autor discute e afirma, em uma análise histórica das representações humorísticas, que o humor utilizava-se das mesmas ideologias que faziam com que pessoas negras tivessem tratamento desfavorável. Paralelamente a isso, eram responsáveis por tentar imputar a natureza benigna a essas piadas. O humor foi utilizado pelo grupo dominante como ferramenta e mecanismo para legitimar o pensamento sobre o lugar do negro na sociedade, precisando, assim, ser compreendido como política cultural devido ao seu poder de criar um imaginário social e legitimar hierarquias existentes.

Por conseguinte, tratar do racismo simbólico torna-se fundamental para o entendimento do racismo recreativo, uma vez que, a violência simbólica é uma de suas principais características e modo de operação. Como disserta Moreira (2019, p. 152),

[O racismo recreativo] legitima representações derogatórias de pessoas negras, o que são microagressões, mecanismos discriminatórios que expressam condescendência ou desprezo por minorias. Assim, o humor racista determina outro elemento central do racismo recreativo: seu aspecto simbólico. A piada racista possibilita a circulação dos sentidos culturais negativos, sendo então um meio pelo qual esse tipo de racismo encontra expressão.



REPRESENTAÇÕES ENTRE OS ANOS 20 E 30

Uma parte significativa da literatura sobre as caricaturas e charges com pessoas negras se debruçou num momento após o período escravista e, até meados da década de 1920, houve a necessidade de marcar o lugar do negro como inferior e tentar manter as hierarquias sociais. Como visto anteriormente, o racismo simbólico atua quando o grupo hegemônico passa a ver as classes mais baixas ganhando direitos, então as representações culturais viram expressões de suas tentativas de manter o *status quo*. A animalidade dos traços negróides, bem como o reforço à ideia de pessoas negras como estranhas, perigosas e degeneradas estão marcadas nas representações de periódicos importantes da época.

Os anos 20 e 30 marcam uma passagem do paradigma dominante do racismo pseudocientífico para a democracia racial. Assim, muitas representações se situam com as mesmas características dos anos seguintes à escravidão. Na figura 1- O conto desta semana – O plano do pistolino, observa-se um conto humorístico no qual o personagem principal, o Pistolino, homem branco, tinha sido demitido e seu chefe não readmitia ninguém. Então em uma conversa com seu amigo, teve um plano de arranjar crianças na rua, entre oito e dez, para dizer que seus filhos iriam passar fome. Ao arranjar essas crianças, o autor ressalta que não faltou nem um “hemeteriozinho” bem retinto e Pistolino não observou que estava com uma criança preta. Ao falar com seu chefe que tinha vários filhos e que não poderia deixá-los passar fome, o chefe o questionou se até a criança retinta era seu filho, e Pistolino afirmou “Que quer, doutor, ainda mais esta desgraça... Condoa de mim!...”, e pela coragem que ele teve de assumir esse filho, o chefe acabou por readmiti-lo no trabalho.



O conto desta semana

O PLANO DO PISTOLINO

(Texto e Ilustrações de Fritz)

O Pistolino fêra despedida da República desde trabalhava há vinte annos. Que infelicidade!... Pistolino havia des-cada de cinco mil réis. Mas nunca quem aprendera tudo, durante esse tempo, e tem fume e quem começa...



agora, a não ser o que fazia como empregado publico, isto é, assiglar o pomar...

ta, tomar varios café, fumar e fazer lanchas do "lanch", e humem não tinha mais nada. E assim, o Pistolino só pensava na maneira de voltar á Repartição. Ser reabilitado, mas era que a sua vida de officio era longa e que sempre lhe aconteceria semelhante desgraça, pelo estouro da verba que lhe assignava um numero de abelhas. O Director da Repartição era implacavel, não readmitia ninguém, era o diabo!...

Sem esperanças, envolvido já pelas ideias da suicidio a victimas das varas que os ministros lançam, encontrou um meio de desapparecer a Praxedes, antigo comparsa de salvação a quem a sorte tinha esgotado com mais força...

Pistolino e Praxedes revolveram as classes do passado. Reportaram-se aos dous tempos da muerça, do pão gualada, das trazeiras das bondes, etc. Pacientemente os dous esperavam o momento oportuno para se converterem.

O Praxedes arranjando mais um réis e o Pistolino agradecendo alguma coisa...

— Veja quantos filhos, Dr. L... Que será destes palestrinhos, não o que co-

O Director passou os olhos sobre

— Uma criança? — Sim, mas não os dos creanças dessas que andam ali pelas ruas... Levava todas as Director da Repartição, Director que não tem filhos, mas desgraciado filho, que não tem com que alimentar, nem vestir, nem educar e que acaba para o futuro muitos haberes como muitos que elle sabe.

Pistolino sorria satisfeito. Era um plano. O Director podia não ter compaixão de *pocher*, mas affastado, mas como não mortal, tinha com certeza co-

— Pistolino arranjou as creanças. Praxedes, no desapparecer de voltar ao doce trabalho, o homem lá marchou, perseguindo um bando de pagurus onde nem mesmo faltava um *Amortecedor* sem restio.

Pistolino não via nada. Cego pela esperança d'aquele plano nunca imaginava, levava á Repartição e lá parou deante do Director.

Pistolino levava o arado amarrado das do seu prozimo... E's um caracter com dabo. Qual mesario despozi de um fo-de-recol!

Pistolino adoeceu:



aquella paternidade anidante que o Pistolino levava lá costas e perca em frente do *Amortecedor*.

— Este, vambem é teu filho?... Pistolino estabrecou. Como é que elle não tinha visto aquelle filho preto? Il sentido que o plano se perdia, respondem lançando a cabeça.

— Que quer, domer, ainda mais esta desgraça?... Comos-se de mim!...

— E's bem infeliz!... E o director sentiução!... Esta verdade. Uma vergem é esse limite. Numa época em que ninguém quer assumir responsabilidades, o Pistolino, superior ás misérias humanas, assumiu até as responsabilida-



FRTZ

Figura 1 - O conto desta semana – O plano do pistolino
Fonte: O Malho, 1920/edição 904.

Por conseguinte, na figura 2 – Calçado dado -, em um anúncio de loja de sapatos, temos uma espécie de outdoor escrito “calçado dado”. Dizendo ser essa a loja mais barata para calçados, há vários homens brancos fazendo fila para comprá-los, enquanto outros estão vestidos formalmente, como vendedores. Nesse ínterim, dois homens negros estão puxando um tipo de sapato enorme por cordas, imagem que assemelha as pessoas negras à condição de escravizados, ou como se esses homens estivessem roubando da loja, mesmo sendo aquela que oferece os menores preços.



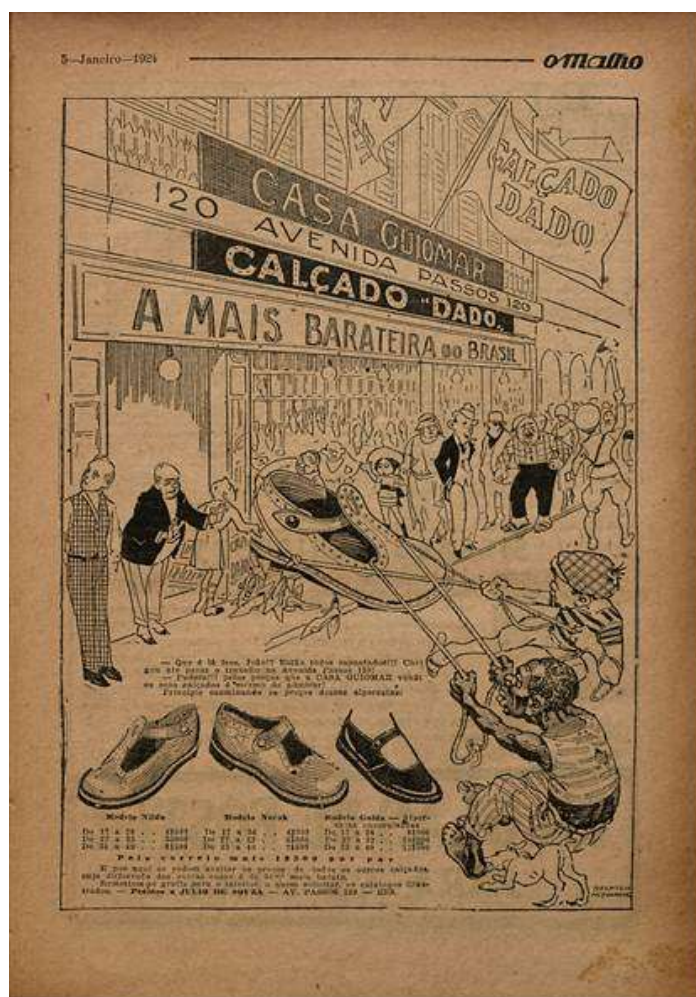


Figura 2 - Calçado dado

Fonte: O malho, 1924/edição 1112

Por fim, entre os exemplos das ideologias predominantes sobre pessoas negras nessa época, apresenta-se a ilustração de um conto de terror da figura 3 – O preço de uma caridade -, no qual se utiliza a imagem de uma pessoa negra como monstruosa e assustadora. Muitos filmes, dentre eles se pode mencionar “O nascimento de uma Nação”, de 1915, recorriam ao uso de corpos de homens negros como perfil de alguém perigoso, ameaçador, ganancioso e, comumente, capaz de produzir algo de mal à mulher branca indefesa.

Em comparação com a obra de Almeida e Silva (2013), entre os anos de 20 e 30, na revista O Malho, o humor racista e as representações culturais não fogem do padrão assinalado sobre as ideologias dominantes apresentadas por charges no período pós-abolição.





Figura 3 - O preço de uma caridade
 Fonte: O malho, 1930/edição 1428

REPRESENTAÇÕES ENTRE OS ANOS 30 E 40

Essa suposta ideia de relação racial harmoniosa no Brasil, ou democracia racial, tem seu ápice paradigmático por volta dos anos 30 aos 40, com intelectuais como Gilberto Freyre (1994) e Sérgio Buarque de Holanda (1936). Apesar de nunca ter usado o termo em suas obras, Freyre é reconhecido hoje como propulsor dessa ideia, a despeito do termo ser utilizado primeiramente na literatura brasileira nos escritos de Ramos em 1943 (GUIMARÃES, 2002,).

A mistura das três raças estava no horizonte dos intelectuais como a singularidade brasileira que deveria ser prestigiada e tal miscigenação não teria nada de conflituosa e marcava o início de um possível desenvolvimento nacional. Para situar esse contexto, Guimarães afirma,



Entre 1930 e 1964, vigeu no Brasil o que os cientistas políticos chamam de “pacto populista” ou “pacto nacional-desenvolvimentista”. Neste pacto, os negros brasileiros foram inteiramente integrados à nação brasileira, em termos simbólicos, através da adoção de uma cultura nacional mestiça ou sincrética, e em termos materiais, pelo menos parcialmente, através da regulamentação do mercado de trabalho e da seguridade social urbanos, revertendo o quadro de exclusão e descompromisso patrocinado pela Primeira República. Nesse período, o movimento negro organizado concentrou-se na luta contra o preconceito racial, através de uma política eminentemente universalista de integração social do negro à sociedade moderna, que tinha a “democracia racial” brasileira como um ideal a ser atingido.(GUIMARÃES, 2002, p. 17)

Na figura 4, Luiz Peixoto escreve um poema sobre a mulher negra que se vestiu de baiana para sair e sentia saudades de seu lugar de nascimento. Diferentemente das charges de humor ou contos que tinham mulheres negras que estavam representadas com trabalhos análogos a escravidão, ou como empregadas da família, nessa imagem apresenta-se um dos momentos em que o racismo não está tão explícito quanto as figuras anteriores.

Como argumentado nas páginas anteriores, ratifica-se que a construção do imaginário social está diretamente correlacionada às representações simbólicas. Para tanto, , foi necessária uma adaptação das charges com vistas à reforçar os novos paradigmas a respeito de pessoas negras e o elogio à miscigenação.





Figura 4 - Luiz Peixoto - Negra
Fonte: O Malho, 1934/edição 32

Por conseguinte, na figura 5, a charge “Que é o homem?” trata de forma humorística o que este seria. Tem-se então a figura do homem branco vestido formalmente, apressado por conta dos compromissos do trabalho e com vários presentes para dar a sua família que o homem negro está representado por um boneco, como se não fosse digno da humanidade, com um cigarro na boca, desocupado e com traços “exóticos”, mostrando assim como é ilusória e superficial a suposta harmonia entre as raças, mesmo com essas ideias rondando o imaginário social.



Figura 5 - Que é o homem?

Fonte: O Malho, 1934/edição 45



2021, v. 4, n. 1

Nesta última charge compartilhada (figura 6) observa-se um homem preto, com um pandeiro em sua mão, e um branco, sentado atrás de uma bateria, lado a lado, tocando jazz embaixo de um texto que fala um pouco sobre a

qualidade gênero e como o mesmo deveria ser mais valorizado. Durante o texto, o autor menciona que o jazz é uma música para todos, mas não destaca que o gênero surge a partir de pessoas negras. Nessa charge o protagonismo está dividido com uma pessoa branca, reforçando a ideia de que a harmonia está presente entre os brancos e pretos e a qualidade musical deve estar em primeiro plano.



Figura 6 - Raul de Azevedo - O jazz

Fonte: O Malho, 1936/edição 138.



2021, v. 4, n. 1

CONCLUSÃO

Em vista dos argumentos acima pontuados, pode-se constatar que o humor derogatório destinado às pessoas negras constitui uma política cultural que visa a manutenção das estruturas de opressão e, neste sentido, o humor carrega as ideologias dominantes das suas respectivas épocas.

O traço simbólico nas representações culturais foi decisivo para criação do imaginário social de estereótipos negativos sobre pessoas negras, impedindo assim quaisquer possibilidades de uma ascensão social do grupo oprimido e reprimindo as reivindicações de mais direitos cívicos e sociais.

Com a passagem do paradigma do racismo pseudocientífico à democracia racial, as representações de pessoas negras na revista “O Malho” mudaram significativamente, conciliando imagens de negros com o período escravagista e, posteriormente, buscando construir imagens de harmonia social entre as raças ou convivência entre negros e brancos de forma pacífica, o ideal na democracia racial.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvia Capanema; SILVA, Rogério Sousa. Do (in)visível ao visível: O Negro e a "Raça Nacional" na Criação Caricatural da Primeira República. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.26, no.52, p.316-345 Dez 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/eh/v26n52/04.pdf> >. Acesso em: Out. 2020.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. [S. I]: Pólen Produção Editorial, 2018.

CURTO, Diogo; JERÓNIMO, Miguel Bandeira e DOMINGOS, Nuno. Nações e nacionalismos (a teoria, a história, a moral). **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, vol.24, no.2, p.33-58, Nov 2012.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Editora Record, 29^a.ed., 1994.

GUIMARÃES, ASA. **Depois da Democracia racial**. Cadernos Penesb, Niterói, 4, 33-60, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1^a ed., 1936.

JURT, Joseph. O Brasil: um Estado-nação a ser construído. O papel dos símbolos nacionais, do Império à República. **Mana**, vol.18, no.3, p.471-509, Dez 2012.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 3, pág. 401-411, 2004. Disponível em:<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. [S.I]: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.



O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO, Direção: D.W. Griffith. Estados Unidos: David W. Griffith Corp., 1915. 1 DVD (190min.)

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 7ª ed., 1988.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio / Brasília: INL, 1980 [1888], v. 1. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000117.pdf>>

Recebido em 07/03/2021

Aprovado em 08/11/2023



2021, v. 4, n. 1